

Si uales, bene est, ego ualeo: algumas concepções do gênero epistolar greco-romano

Larissa de Souza Lopes Kerr

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil
larissa_d_souza@hotmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.757>

Resumo

Este artigo pretende salientar alguns trechos de obras que demonstram o modo como a escrita de epístolas era concebida na antiguidade greco-romana até o período clássico (século I d.C.). Enquanto, na literatura grega, o tratado “Sobre o estilo” (*Peri hermēneías*) de Demétrio possui um trecho importante que trata das características das epístolas, na literatura latina, o material mais expressivo sobre o assunto são as próprias correspondências dos principais epistológrafos como Cícero, Sêneca e Plínio o Jovem. Dessa forma, será possível delinear as características formais do gênero, suas propriedades essenciais e seus *tópoi*.

Palavras-chave: epistolografia; características do gênero epistolográfico; tratado de Demétrio; epístolas latinas.

Si uales, bene est, ego ualeo: Some Conceptions of the Greco-Roman Epistolary Genre

Abstract

This article aims to highlight passages from some works that show how the writing of letters was conceived from the Greco-Roman antiquity to the classical period (first century AD). While in Greek literature the treatise “On Style” (*Peri hermēneías*) by Demetrius has an important section that deals with the characteristics of epistles, in Latin literature the most significant material on the subject refers to the letters written by the main epistolographers, such as Cicero, Seneca and Pliny the Younger. Thus, it will be possible to outline the formal characteristics of the genre, their essential properties and their *tópoi*.

Keywords: epistolography; epistolographic genre characteristics; Demetrius’ treatise; Latin epistles.

Apresentação

Na Antiguidade Clássica até o século I d.C., é evidente a escassez de documentos que foram escritos e chegaram até nós sobre o ato de escrever cartas. Enquanto outros gêneros literários, as espécies poéticas, por exemplo, como a epopeia, a tragédia, a comédia foram analisados nas obras *Peri poiētikês* (*Poética*) de Aristóteles e *Epistula ad Pisones* (*Epístola aos Pisões* mais conhecida como *Arte Poética*) de Horácio, o gênero epistolográfico foi apenas discutido brevemente por alguns teóricos, como também por alguns epistológrafos “militantes” (CUGUSI, 1983, p. 27), que emitiam comentários acerca da escrita de cartas nas próprias correspondências. Desse modo, em consonância com Cugusi, Poster (2007, p. 21) afirma que há evidências diretas nos manuais de escrita de cartas ou em preceitos de escrita de carta em outros

tipos de livros, e evidências indiretas contidas nas próprias cartas. Nesse contexto, nosso trabalho pretende salientar as principais características epistolares comentadas por alguns autores, seja em obra deliberadamente teórica, seja em obra sem esse propósito.

Posteriormente ao século I d.C., há um conjunto de documentos mais organizado sobre o tema que não será, entretanto, discutido neste artigo: dois manuais completos de escrita de cartas, “Tipos epistolares” (*Typoi Epistolikoi*) de Pseudo-Demétrio e “Estilos epistolares” (*Epistolimaioi Kharactêres*) de Pseudo-Libânio; uma epístola de Gregório de Nazianzo a Nicóbulo que apresenta brevemente algumas características epistolares; o trecho sobre epístolas de Filóstrato de Lemnos incluído na obra de Flávio Filóstrato; e, por fim, um apêndice “Sobre as epístolas” na Arte Retórica 27 (*Ars Rhetorica 27 – De epistolis*) de Júlio Victor (POSTER, 2007, p. 22).

Desde a Antiguidade Clássica, a passagem mais antiga sobre epístola consta do tratado “Sobre o estilo” (do grego *Peri hermēneías*, em latim *De elocutione*) de Demétrio. Sobre esse tratado, não há consenso entre os estudiosos para a datação e a autoria, contudo, apesar das divergências, é provável para muitos que essa obra pertença ao período helenístico (FREITAS, 2011, p. 17). Outras fontes interessantes são excertos que poderíamos adjetivar de metalinguísticos por serem encontrados nas correspondências de Cícero, Sêneca, Plínio o Jovem e, até mesmo, na epístola poética de Ovídio.

A partir dessas obras, poderemos destacar as propriedades essenciais da carta, sua estrutura (*inscriptio, subscriptio*, conteúdo), a classificação dos seus variados tipos, suas características formais. Poderemos verificar também alguns *tópoi* epistolares: o mais recorrente que é o da carta como uma espécie de conversa com quem está ausente; a *breuitas*, isto é, o cuidado com a extensão das epístolas; o pedido para que o destinatário escreva mesmo sem ter assunto; o lamento pela falta de notícias. Portanto, com este trabalho, fruto de nossas pesquisas sobre a epistolografia, delinearemos as concepções do gênero epistolar entre os antigos, abrangendo alguns dos principais autores do período.

“Sobre o estilo” (*Peri hermēneías*) de Demétrio

Há apenas especulações acerca da autoria e datação desse tratado; alguns atribuíam a autoria a Demétrio de Falero (350-283 a.C.), porém, sabe-se que essa associação com o ilustre orador grego que governou Atenas é inconsistente e ocorreu com o passar do tempo¹. Todavia, como esclarece Freitas (2011, p. 17), muitos estudiosos concordam que o tratado foi escrito durante o período helenístico, sendo, portanto, se a datação estiver correta, uma informação sobre estilística pós-aristotélica e anterior a outras obras mais conhecidas de Cícero e Dionísio de Halicarnaso, e o único documento conservado da época helenística ao lado das obras de Filodemo.

Nesse contexto, Kennedy destaca a exclusividade do trecho sobre a escrita de cartas e sua perplexidade por não haver outros documentos retóricos e/ou gramáticas que tratem do tema; ao mesmo tempo, o estudioso ressalta a importância para o assunto dos comentários metalinguísticos contidos na correspondência ciceroniana:

¹ Na verdade, não é certo sequer que o nome do autor era Demétrio, pois era um nome muito comum. Para mais informações sobre datas e questão autoral, vide Freitas (2011, p. 15-17).

Uma característica incomum da obra de Demétrio é a discussão sobre a escrita de carta, citando cartas de Aristóteles e de outros (223-35). As cartas, como Demétrio nos informa, devem ser escritas misturando os estilos simples e elegante e são como um lado de um diálogo. Essa discussão presumivelmente reflete o papel crescente da epístola, pública e privada, literária e não literária, no período helenístico. O que é intrigante não é que Demétrio deveria discutir o assunto, mas por que outros retóricos não o fizeram, considerando o fato de que a epístola foi um gênero literário amplamente utilizado, a começar, pelo menos, com Isócrates, e que o assunto tinha valor prático para os estudantes de retórica. Nem tampouco, tanto quanto sabemos, a escrita de carta foi ensinada pelos gramáticos. Cícero tem muito a dizer sobre a escrita de carta em suas próprias cartas e o que ele diz parece sugerir classificações de diferentes tipos e, talvez, a existência de alguns manuais de escrita de cartas, dos quais temos exemplos na antiguidade tardia.² (KENNEDY, 1994, p. 89-90)

De fato, como já mencionamos, há uma lacuna de registros que tratem da redação de cartas apesar de haver conjuntos significativos de cartas, ao menos, desde o século IV a.C. Na literatura grega, a carta, juntamente com o diálogo, foi amplamente utilizada como um instrumento importante de transmissão filosófica, e pode-se destacar as obras dos oradores Isócrates e Demóstenes e dos filósofos como Platão³, Aristóteles, os cínicos e Epicuro (DE LA TORRE, 1979, p. 22-23). Na literatura latina, especula-se que Tarquínio no final do século VI a.C., antes da instauração da república, correspondia-se com alguns jovens romanos. Entretanto, as cartas mais antigas, segundo temos notícia em Cícero (*Off.* I, XI.37), são as de Catão o Velho no século III a.C. (CUGUSI, 1983, p. 151-152). No âmbito retórico, há dois breves comentários esparsos sobre a escrita de carta em Quintiliano (*Inst. Orat.* I, i, 28-29; IX, iv, 19-20), mas o acervo mais expressivo sobre a escrita de cartas consta de comentários disseminados nas próprias epístolas de Cícero, Sêneca e Plínio o Jovem.

Assim, o pequeno trecho do tratado “Sobre o estilo” (apenas treze parágrafos) adquire enorme importância diante da falta de documentos. Esse tratado inicia-se com uma introdução (§1-35) seguida de quatro seções que explicam os quatro tipos de estilos, a saber: o estilo grandioso (*megaloprepés* – §36-127), o estilo elegante (*glaphurós* – §128-189), o estilo simples (*iskhnós* – §190-239) e, por fim, o estilo veemente (*deinós* – §240-304)⁴. A passagem sobre as características epistolares ocorre do §223 ao §235 da penúltima seção.

Demétrio inicia a passagem evidenciando o estilo simples da carta, pois é uma espécie de diálogo – uma das duas partes. Porém, o autor adverte que, apesar da

² Quando outra autoria não for expressamente indicada, a tradução é nossa. No original: An unusual feature of Demetrius' work is his discussion of letter writing, citing letters of Aristotle and other (223-35). Letters, we are told, should be written in a mixture of the plain and elegant styles and are like one side of a dialogue. This discussion presumably reflects the increasing role of the epistle, public and private, literary and nonliterary, in the Hellenistic period. What is puzzling is not that Demetrius should discuss the subject but why other rhetoricians do not, considering the fact that the epistle was a widely used literary genre, beginning at least with Isocrates, and that the subject had practical value for students of rhetoric. Nor, so far as we know, was letter writing taught by grammarians. Cicero has much to say about letter writing in his own letters, and what he says seems to suggest classifications of different kinds and perhaps the existence of some manuals of letter writing, of which we have examples from later antiquity.

³ Questiona-se a autenticidade das epístolas de Platão (para mais informações cf. De La Torre, 1979, p. 25 e Scarpit, 1987, p. 487-488).

⁴ Edição estabelecida por Chiron (DÉMÉTRIOS, 1993) e utilizada por Freitas (2011, p. 21).

semelhança, a carta deve ser mais elaborada do que o diálogo, pois, sendo escrita e enviada, é uma espécie de presente:

§ 223 E uma vez que também o tipo epistolar requer simplicidade, também a seu respeito falaremos. Ártemon, o editor das cartas de Aristóteles, disse que se deve, do mesmo modo, escrever diálogo e cartas, pois a carta deve ser como uma das duas partes do diálogo. § 224 Talvez tenha razão, mas não totalmente. A carta deve de algum modo ser mais elaborada do que o diálogo. Esse imita uma fala improvisada; já ela é escrita e enviada, de certa maneira, como um presente. (FREITAS, 2011, p. XLIX-L)

Chiron, na introdução ao tratado (DÉMÉTRIOS, 1993, p. XCV), admite a possibilidade de que “Ártemon poderia muito bem ser um dos primeiros a estabelecer as regras, provavelmente na introdução de sua edição das cartas de Aristóteles”⁵, apesar de Demétrio não discorrer mais longamente sobre a opinião de Ártemon. Demétrio cita Ártemon para se contrapor a ele, mostrando uma postura antifilosófica, pois a carta exerce a função de um presente, diferentemente do uso do diálogo como meio de expor os pensamentos filosóficos.

Nesse sentido de dádiva, a carta deve revelar características do remetente de forma mais evidente do que em outros discursos:

§ 227 Mas que a carta tenha, ao máximo, uma mostra do caráter, tal como o diálogo. Pois cada qual escreve uma carta quase como uma imagem de sua alma. É, de fato, possível notar o caráter do escritor em qualquer discurso, porém em nenhum outro como na carta. (FREITAS, 2011, p. L; grifo nosso)

Além disso, em conformidade com a seção em que se encontra, a carta deve ser restrita também quanto ao tamanho e, obviamente, quanto ao estilo; Demétrio observa que muitas cartas de Platão e Tucídides são verdadeiros tratados que se iniciam com a comum inscrição epistolar “saudações”:

§ 228 E se deve restringir o tamanho da carta, bem como o estilo. Se são demasiado longas e, mais ainda, se apresentarem um modo de expressão mais pomposo, não serão, de jeito nenhum, cartas de verdade, mas sim tratados em que se inscreve um: saudações! É o caso de muitas cartas de Platão e da de Tucídides. (FREITAS, 2011, p. L)

Então, a carta caracteriza-se sobretudo em relação à projeção da afeição humana (sendo enviada como um presente e revelando uma mostra de caráter); desse modo, Demétrio contrapõe a sintaxe epistolar com a sintaxe de um processo judicial, afirmando que não seria nada amistoso se ambas fossem iguais:

§ 229 Quanto à sintaxe, deve ser mais livre. Pois é ridículo construir períodos como se se estivesse escrevendo, não uma carta, mas um processo judicial. E não é apenas ridículo preocupar-se com isso em cartas, mas também nada amistoso – como se diz no provérbio, os figos são figos. (FREITAS, 2011, p. L-LI; grifo nosso)

⁵ No original: Artémon pourrait bien être l'un des premiers à avoir énoncé des règles, probablement dans l'introduction de son édition des lettres d'Aristote.

No tocante à amizade e ao estilo simples revelando o caráter, Chiron salienta:

Esta dimensão afetiva e humana da carta concebida como a manifestação plena do tato de sentimentos amistosos (cf. também *ou philikón* §229, *philophrónēsis* §231, *philikai philophronēseis* §232) é a segunda característica marcante da passagem. Mais profundamente, com o termo *tò ēthikón* (expressão do caráter §227), Demétrio desenvolve a capacidade de um estilo despojado de toda a ornamentação para revelar diretamente a pessoa que o utiliza, e isso não interessado em algum objetivo (convencer, atrair uma simpatia que vai ressoar na frase), mas para criar uma relação mais íntima entre as pessoas.⁶ (DÉMÉTRIOS, 1993, p. XCVII)

À vista disso, leiamos o trecho seguinte de Demétrio:

§ 230 Mas é preciso saber que não apenas o estilo, mas também certos assuntos são apropriados a uma carta. Aristóteles, por exemplo, o qual parece ter sido o mais bem sucedido no gênero epistolar, disse: E não te escrevo isso, pois não é apropriado a uma carta. § 231 Qualquer um que escreva, em uma carta, um sofisma ou um discurso de ciências naturais, pode fazê-lo, mas, com certeza, não está escrevendo uma carta. Essa tem por intenção ser uma breve mostra de amizade e uma exposição sobre algum assunto simples e com palavras simples.

§ 232 Sem dúvida, a sua beleza está nas caras mostras de amizade e nos provérbios, que lhe são frequentes. (FREITAS, 2011, p. LI; grifos nossos)

Dessa forma, observamos que o estilo e a sintaxe devem ser simples, e é necessário escolher cuidadosamente o assunto também para que haja mostras estimadas de amizade. Ademais, no §230, percebemos a elevação de Aristóteles como paradigma do gênero epistolar, e a influência do filósofo estagirita, cujo editor Ártemon foi citado no início do trecho, é revelada reiteradas vezes no trecho sobre a escrita de cartas, conforme enumera Chiron (DÉMÉTRIOS, 1993, p. XCVII): § 223, 225, 230, 233, 234.

Curiosamente, após deixar claro que o gênero epistolar pertence ao estilo simples, Demétrio finaliza da seguinte maneira: “Em suma, no que diz respeito ao estilo, a carta deve conter uma mistura destes dois tipos: o estilo da graça e o simples”. (FREITAS, 2011, p. LI)

Conforme observação de Freitas (2011, p. 82), o autor em nenhum outro momento fala sobre o elemento estilístico ligado à graça (*kháris*) na passagem referente às cartas e isso causa certo estranhamento. Nesse caso, Chiron (DÉMÉTRIOS, 1993, p. XCVIII) interpreta que Demétrio encontra nas cartas de Aristóteles simplicidade familiar e humor, ou seja, os dois aspectos que o tratadista desconhecido recomenda e, dessa forma, se explicaria a mistura da simplicidade e da graça⁷.

⁶ No original: Cette dimension affective et humaine de la lettre conçue comme la manifestation pleine de tact des sentiments amicaux (cf. aussi *ou philikón* §229, *philophrónēsis* §231, *philikai philophronēseis* §232) est la deuxième des caractéristiques frappantes du passage. Plus profondément, avec le terme *tò ēthikón* (expression des caractères §227), Démétrios développe la faculté qu'a un style dépouillé de tout ornement de révéler directement celui qui l'utilise, et cela, non pas dans un but intéressé (emporter la conviction, s'attirer une sympathie qui retentira sur la sentence), mais pour instaurer une relation plus intime entre les êtres.

⁷ Para uma investigação sobre a presença do termo *kháris*, vide Freitas (2011, p. 82-85).

Literatura Latina

Como já observamos anteriormente, não há documentos retóricos até o período clássico pesquisado que tratem pontualmente da redação de cartas, contudo, as características epistolares na literatura latina podem ser encontradas esparsas nas obras de vários autores de diversos gêneros, como Plauto⁸, Marcial, Quintiliano, e em expressivos comentários metalinguísticos nas epístolas de Cícero, Ovídio, Sêneca e Plínio o Jovem.⁹

Estrutura (*inscriptio, subscriptio*)

Iniciemos com alguns comentários sobre as características formais. Como se sabe, a epístola latina costumava ser precedida de uma *inscriptio*, ou seja, alguma inscrição inicial que anunciava o remetente e o destinatário. Marcial, jocosamente, no décimo primeiro epigrama do Livro XIV, comenta a fórmula de *inscriptio* epistolar “suos”, ou seja, literalmente “meus caros”:

*XI. Chartae epistolares.
Seu leuiter noto, seu caro missa sodali
omnes ista solet charta uocare suos.*

11. Papiros de carta

Quer a um conhecido, quer a um amigo querido seja enviado,
a todos este papiro costuma tratar por “meu caro”. (CESILA, 2004, p. 314-315)

A indistinção entre conhecidos e amigos chegados demonstra como essa fórmula de saudação era amplamente utilizada no gênero, apesar de a saudação ser mais afetuosa com a adição do “suo”. Na saudação, então, como atualmente, havia o local e data do remetente seguidos geralmente pela fórmula “aliquis alicui suo salutem dicit”, sendo que o “s(alutem) d(icit)” poderia vir abreviado “s.d.”; além disso, era possível intensificar a saudação com o acréscimo de “plurimam”: “s(alutem) p(lurimam) d(icit)” ou, abreviadamente, “s.p.d.” (CUGUSI, 1983, p. 48). Nas cartas privadas, como esquematiza Cugusi (1983, p. 47), a autodenominação do remetente refletia na denominação do destinatário, demonstrando a relação e o grau de intimidade entre ambos, portanto, o uso de “*praenomen – praenomen*” era mais familiar do que o uso de “*nomen – nomen*” e de “*cognomen – cognomen*”. Sendo assim, Cícero desaprova que Volúmnio não escolha o prenome na fórmula salutar (*fam. VII, 32, 1*):

[...] *sine praenomine familiariter, ut debebas, ad me epistulam misisti [...]*

[...] Enviaste-me uma epístola sem o prenome, de forma mais familiar, como devias [...]

⁸ Há um comentário sobre o material usado para escrever carta em Plauto, por exemplo, quando Crísalo pede a Pistoclero: “[Traga] o estilo, a tabuinha encerada, e o barbante” (*Bacch. 715: Stilum, ceram et tabellas, linum* – PLAUTE, 1996, p. 52). No exemplo citado de Marcial (XIV, 11), vemos que as cartas também eram escritas em papiros (*chartae*). Na verdade, as cartas podiam ser escritas em diversos materiais, como em tábuas de cera, na madeira, no metal, no papiro, na cerâmica e em peles de animais (EBBELER, 2010, p. 465).

⁹ A denominação de metalinguístico deve-se ao fato de ocorrer nas próprias epístolas observações sobre a escrita epistolar.

Além das anotações sobre a *inscriptio*, há uma observação em um poema epistolar dos *Tristia* de Ovídio (V, 13, 33-34) sobre a *subscriptio*, a despedida:

*Accipe quo semper finitur epistula uerbo,
Atque, meis distent ut tua fata, uale!*

Recebe a palavra com que sempre se encerram as cartas,
E, para que teu destino seja diferente do meu: “Fica bem!” (PRATA, 2007, p. 408-409)

Nesse caso, é certo que a tradução conseguiu expressar muito bem a ironia com que Ovídio encerra sua obra, cujo pedido de retorno ecoa sem obter a resposta afirmativa de regresso almejada e, portanto, o destino do escritor não concorda com a fórmula de despedida usual nas epístolas, isto é, o eu-poético não “fica bem”. Porém, o “uale” também pode ser traduzido simplesmente por “adeus”; à parte isso, com “fica bem” ou “adeus”, finaliza-se a carta.

Outra fórmula conhecida aparece no título de nosso artigo: em sua forma mais ampla “S(i) v(ales) b(ene) e(st) e(go) [q(uidem)] v(aleo)” (Se estás bem, isso é bom, eu da mesma forma estou bem). Essa fórmula de cortesia e saudação não está livre de indagações e dúvidas (CUGUSI, 1983, p. 48); por exemplo, Sêneca a cita no início da Epístola 15:

Mos antiquis fuit, usque ad meam seruat aetatem, primis epistulae uerbis adicere ‘si uales bene est, ego ualeo’.

Costumavam os antigos (e o uso conservou-se até o meu tempo) escrever logo a seguir à epígrafe das cartas estas palavras: “Se estás de boa saúde, tanto melhor; eu estou de boa saúde.” (SEGURADO E CAMPOS, 2004, p. 50)

E Plínio o Jovem (I, 11, 1) também assinala essa fórmula em uma de suas epístolas evidenciando sua tradição no texto epistolar:

Olim mihi nullas epistulas mittis. Nihil est, inquis, quod scribam. At hoc ipsum scribe, nihil esse quod scribas; uel solum illud unde incipere priores solebant: “Si uales, bene est; ego ualeo”.

Há muito tempo não me envias nenhuma epístola. Dizes: “Não há nada para escrever”. Mas escreve isso mesmo, que não há nada para que escrevas, ou somente aquilo de onde os antigos costumavam começar: “Se estás bem, isso é bom; eu estou bem”.

Apenas com esses dois comentários não é possível datar até quando a fórmula (ou abreviatura “s.u.b.e.e.v.”) foi realmente usada; apesar disso, sabemos que houve essa tradição. Plínio (I, 11, 1) apresenta a fórmula e também o lamento pela falta de notícia, uma importantíssima tópica do gênero epistolar. Juntamente com essa tópica, como vimos em Plínio, era comum o pedido para que se escrevesse qualquer assunto (Cíc. *Att.* I, 12, 4):

Tu uelim saepe ad nos scribas. Si rem nullam habebis, quod in buccam uenerit, scribito.

Queria que me escrevesse frequentemente. Se não tiveres nenhum assunto, escreve o que vier à boca.

Então, a falta de matéria não era pretexto para se deixar de enviar uma epístola a um amigo e essas tópicas (pedir que o destinatário escreva com frequência, exigir notícia e salientar que pode ser sobre qualquer) naturalmente foram muito utilizadas.

A natureza da carta e a classificação dos seus variados tipos

Cícero, em epístola endereçada a Curião (*fam.* II, 4, 1), fala brevemente sobre uma propriedade essencial da carta, o fato em que se alicerçaram, ao menos, as primeiras correspondências, e apresenta duas espécies epistolares. Leiamos o trecho inicial:

Epistularum genera multa esse non ignoras, sed unum illud certissimum, cuius causa inuenta res ipsa est, ut certiores faceremus absentis, si quid esset quod eos scire aut nostra aut ipsorum interesset. Huius generis litteras a me profecto non exspectas; domesticarum enim tuarum rerum domesticos habes et scriptores et nuntios, in meis autem rebus nihil est sane noui. Reliqua sunt epistularum genera duo, quae me magnopere delectant, unum familiare et iocosum, alterum seuerum et graue.

Não ignoras que há muitos tipos de epístolas, mas um único é o mais genuíno, que motivou a invenção da própria carta com a finalidade de informar os ausentes, se houvesse algo que interessasse que eles soubessem de nossa parte ou da parte deles. Na verdade, tu não esperas de mim uma carta desse tipo, pois tens em casa escribas e mensageiros dos teus negócios domésticos, e também em relação aos meus negócios, não há nada de novo. Restam ainda dois tipos de epístolas que me deleitam grandemente: um íntimo e jocoso, outro austero e grave.

Ao seu irmão Quinto, Cícero (*Q. fr.* I, 1, 37) não deixa de salientar a importância da informação no ato da escrita epistolar:

illud, quod est epistulae proprium, ut is ad quem scribitur de iis rebus quas ignorat certior fiat, praetermittendum esse non puto.

Não penso que deva ser negligenciado o que é próprio da epístola, que é informar à pessoa a quem se escreve sobre as coisas que ela ignora.

No tocante à classificação do gênero epistolar, certo é que Cícero na carta a Curião (*fam.* II, 4, 1) não pretende esgotá-la, como observa Giuseppe Scarpato (1987, p. 476), mas indicar o propósito e os limites da carta privada, ou seja, sobretudo o objetivo de levar alguma informação. Além da carta informativa e das epístolas jocosas e sérias, em *fam.* XIII, 15, 1 e 3, por exemplo, Cícero fala a César sobre outra espécie da carta – a de recomendação:

Precilium tibi commendo unice ... Genere nouo sum litterarum ad te usus, ut intelligeres non uulgarem esse commendationem.

Recomendo-te, particularmente, Precílio... Empreguei um novo tipo de carta a ti, para que compreendesses não ser vulgar a recomendação.

É evidente que há várias classificações de epístolas nos estudos epistolográficos além das que apontamos, por exemplo, Pseudo-Demétrio enumera 21 tipos e Pseudo-Libânio enumera 41 tipos. Em seu amplo estudo, Cugusi (1983, p. 105-135) enumera, explica e exemplifica várias delas, tais como: epístola privada informativa, jocosa,

congratatória, consolatória, erótica, sobre assuntos literários, de recomendação, e de recebimento; e epístola pública oficial, autobiográfica, política, erudita ou científica, jurídica, moral-filosófica, artística, poética, prefatória/dedicatória.

A epístola como uma espécie de diálogo

Tal como aparece no tratado de Demétrio, a carta, na literatura latina, é traçada igualmente como uma espécie de conversação por meio da escrita (Cíc. *Att.* XII, 53):

Ego, etsi nihil habeo quod ad te scribam, scribo tamen quia tecum loqui uideor.

Eu, apesar de nada ter para te escrever, ainda assim escrevo, pois parece que falo contigo. (TIN, 2005, p. 21)

A mesma comparação também se encontra em Cíc. *Att.* IX, 10, 1:

Nihi habebam quod scriberem: neque enim noui quicquam audieram et ad tuas omnes rescripseram pridie. Sed, cum me aegritudo non solum somno priuaret uerum ne uigilare quidem sine summo dolore pateretur, tecum ut quasi loquerer, in quo uno acquiesco, hoc nescio quid nullo argumento proposito scribere institui.

Nada <tinha> para escrever. Nenhuma <coisa> nova ouvi, e todas as tuas cartas respondi ontem. Mas, como a aflição não só me priva do sono, mas também não me permite manter-me acordado sem uma imensa dor, por isso comecei a escrever-te sem assunto definido, pois assim contigo quase falo, e é a única coisa que me acalma. (Tradução levemente modificada de TIN, 2005, p. 21)

E, de forma muito parecida, Sêneca (*epist.* XL, 1) expressivamente agradece a Lucílio a correspondência constante, que representa a presença do amigo, ou seja, representa o que lhe é mais querido:

Quod frequenter mihi scribis gratias ago; nam quo uno modo potes te mihi ostendis. Numquam epistulam tuam accipio ut non protinus una simus. Si imagines nobis amicorum absentium iucundae sunt, quae memoriam renovant et desiderium [absentiae] falso atque inani solacio levant, quanto iucundiores sunt litterae, quae vera amici absentis vestigia, veras notas afferunt? Nam quod in conspectu dulcissimum est, id amici manus epistulae impressa praestat, agnoscere.

Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é esse o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente? A mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença – aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro directo. (SEGURADO E CAMPOS, 2004, p. 136)

Essa é a tópica mais recorrente: a da epístola como uma conversa com um amigo ausente (“... *amicorum colloquium absentium* ...” – Cíc. *Phil.* II, 7).

A carta como representação do caráter de quem escreve

A carta também é descrita como espelho da alma (Cic. *fam.* XVI, 16, 2), pela qual o *ēthos* do autor se manifesta, como Demétrio sustentava:

Te totum in litteris uidi.

Eu te vi todo em tua carta. (TIN, 2005, p. 21)

Em outra passagem (Cic. *fam.* V, 12, 1), na célebre carta de Cícero a Luceio, mostra-se a intimidade em que a carta privada é feita, apresenta a epístola como um meio encorajador de revelar os sentimentos mais íntimos:

Coram me tecum eadem haec agere saepe conantem deterruit pudor quidam paene subrusticus, quae nunc expromam absens audacius, epistula enim non erubescit.

Um certo pudor um tanto grosseiro me dissuadiu, a mim que muitas vezes tentei falar-te em pessoa estas coisas que agora, ausente, exporei mais audaciosamente; com efeito, a carta não cora. (CHIAPPETTA, 1996, p. 22)

Dessa forma, como observa Cugusi (1983, p. 44), quem escreve na carta pode ser mais franco do que aquele que fala no diálogo e, por isso, as cartas não devem ser divulgadas perfidamente. Em um famoso caso, Marco Antônio torna pública uma carta recebida de Cícero sem o consentimento do remetente; Cícero, então, argumenta na Segunda Filípica¹⁰ que Marco Antônio não procedeu conforme as boas maneiras e feriu um importante fundamento da convivência humana, ao destruir a possibilidade de conversar com um amigo ausente.

O estilo das epístolas

É importante a adequabilidade do estilo da escrita à situação, ao conteúdo, como também ao destinatário (Cic. *fam.* XV, 21, 4), distinguindo-as, por exemplo, entre epístolas públicas e privadas:

aliter enim scribimus, quod eos solos, quibus mittimus, aliter, quod multos lecturos putamus

Pois escrevemos de um modo o que julgamos que só os destinatários lerão, de outro modo diferente o que julgamos que muitos lerão.

Ainda sobre o cuidado com a recepção, Plínio (VI, 16, 22) recomenda a Tácito que selecione as partes que ele escreverá em sua história, evidenciando que a epístola e a história possuem diferentes estilos:

Vnum adiciam, omnia me quibus interfueram quaeque statim, cum maxime uera memorantur, audieram persecutum. Tu potissima excerptes. Aliud est enim epistulam aliud historiam, aliud amico aliud omnibus scribere.

¹⁰ Cícero repreende Marco Antônio por tornar pública uma epístola que ele havia enviado; Antônio a recitou com o objetivo de mostrar aos ouvintes que Cícero escrevia-lhe como a um bom cidadão e não como a um ladrão (*Phil.* II, 7) – (CUGUSI, 1983, p. 45; SCARPAT, 1987, p. 475).

Gostaria de acrescentar uma única coisa: discorri sobre todas as coisas a que assisti e sobre as que ouvi logo que aconteceram; exatamente a verdade está sendo contada. Tu mesmo separarás as partes principais. Porque uma coisa é a epístola, e outra a história; uma coisa é escrever a um amigo, e outra, a todos.

Ademais, a escrita deve ser adequada à epístola, como salienta o seguinte trecho de Sêneca (*epist.* 75, 1-2) que argumenta que o estilo deveria ser o da conversa (*sermo*) da fala cotidiana:

Minus tibi accuratas a me epistulas mitti quereris. Quis enim accurate loquitur nisi qui uult putide loqui? Qualis sermo meus esset si una desideremus aut ambulemus, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas uolo, quae nihil habent accersitum nec fictum. Si fieri posset, quid sentiam ostendere quam loqui mallet. Etiam si disputarem, nec supploderem pedem nec manum iactarem nec attollerem vocem, sed ista oratoribus reliquisset, contentus sensus meos ad te pertulisse, quos nec exornassem nec abiecissem.

Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! Se isso fosse possível, eu preferiria mostrar-te o que sinto, em vez de o dizer. Mesmo que estivesse discutindo contigo não me iria pôr na ponta dos pés, nem fazer grandes gestos, nem elevar a voz: tudo isto seriam artifícios de oradores, enquanto a mim me bastaria comunicar-te o meu pensamento, num estilo nem grandiloquente nem vulgar. (SEGURADO E CAMPOS, 2004, p. 305)

Scarpat (1987, p. 474-475) comenta que a carta é diferente do discurso judicial ou forense e destaca que mesmo estes possuem, por vezes, um estilo particular; da mesma forma, há diferenças entre as cartas privadas. O estilo da frase e as palavras, contudo, pertencem à esfera do cotidiano.

Plínio (VII, 9, 8) comenta que é adequado às epístolas o estilo simples e conciso:

Volo interdum aliquem ex historia locum apprehendas, uolo epistulam diligentius scribas. Nam saepe in oratione quoque non historica modo, sed prope poetica descriptionum necessitas incidit, et pressus sermo purusque ex epistulis petitur.

Quero que, ocasionalmente, escolhas alguma passagem da história, quero que escrevas uma carta com o maior esmero. Porque, frequentemente, até no discurso, incide a necessidade de descrições não apenas nos modos da história, mas quase do poético; além disso, a epístola requer o estilo conciso e simples.

Sêneca (*epist.* XLV, 13) também demonstra preocupação com a extensão das epístolas, que devem ser concisas, ou seja, possuir a *brevitas*:

Sed ne epistulae modum excedam, quae non debet sinistram manum legentis implere, in alium diem hanc litem cum dialecticis differam nimium subtilibus et hoc solum curantibus, non et hoc.

Mas para não exceder a dimensão normal de uma carta, que não deve encher a mão esquerda do leitor, adiarei para outra altura esta discussão com os dialéticos, gente em

excesso subtil, e cuja única preocupação é esta, e apenas esta! (SEGURADO E CAMPOS, 2004, p. 154)

O estilo da carta, então, adequa-se ao destinatário, é simples e conciso, e escrito na linguagem cotidiana.

Considerações finais

Apesar de não haver longas análises em manuais de retórica ou de gramática, o breve trecho do tratado “Sobre o estilo” de Demétrio nos revela bastante o modo como as epístolas eram vistas pelos antigos gregos, ao tratar do seu caráter simples tanto na sintaxe quanto na linguagem, já que ela é uma espécie de diálogo, e ao mostrar a necessidade de limitar até mesmo sua extensão, ressaltando sobretudo que a epístola reflete o caráter do remetente e é enviada como um presente.

Na literatura latina, é possível observar uma teoria imanente nos trechos esparsos das epístolas de Cícero, Sêneca e Plínio o Jovem em que ecoam as características epistolares. Características como o estilo simples e breve, a seleção de temas adequados à epístola, comparando-a com uma espécie de conversa entre o remetente e o destinatário são comuns ao mundo greco-romano nesse período estudado, já que, anteriormente, haviam sido comentadas por Demétrio em seu tratado “Sobre o estilo”.

Ademais, também há várias observações comuns ressaltadas pelos epistológrafos latinos sobre a estrutura (*inscriptio*, fórmulas, conteúdo, *subscriptio*, tipos de cartas), além de ser possível observar algumas tópicas recorrentes como o lamento pela falta de notícia e o pedido para que o destinatário escreva e envie mais epístolas. Assim, foi possível traçar as principais características epistolares até o período clássico a partir do trecho “Sobre o estilo” de Demétrio e das correspondências ciceronianas, senequianas e plinianas.

REFERÊNCIAS

- CESILA, R. T. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. 2004. 392 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CHIAPPETTA, A. Não diferem o historiador e o poeta. O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. *Língua e Literatura (USP)*, São Paulo, v.22, p. 16-34, 1996.
- CICÉRON. *Correspondance*. Texte établi et traduit par L.-A. Constans et Jean Bayet. Tome IV. 3ème Édition. Paris: Société D'Édition "les Belles Lettres", 1967. 444 p.
- _____. *Correspondance*. Texte établi et traduit par L.-A. Constans. Tome I. Paris: Société D'Édition "les Belles Lettres", 1969. 468 p.
- _____. *Correspondance*. Texte établi et traduit par L.-A. Constans. Tome III. 6ème Tirage. Paris: Société D'Édition "les Belles Lettres", 1971. 452 p.
- _____. *Correspondance*. Texte établi et traduit par Jean Beaujeu. Tome VIII. Paris: Société D'Édition "les Belles Lettres", 1983. 499 p.

- _____. *Correspondance*. Tome VII. Texte établi et traduit par Jean Beaujeu. 2 tirage. Paris: Société D'Édition "les Belles Lettres", 1991. 498 p.
- CUGUSI, P. *Evoluzione e forme dell'epistolografia latina*. Roma: Herder, 1983. 291 p.
- DE LA TORRE, E. S. La epistolografia griega. *Estudios Clásicos*, v.23, p. 19-46, 1979.
- DÉMÉTRIOS. *Du style*. Texte établi et traduit par Pierre Chiron. Paris: Société D'Édition "les Belles Lettres", 1993. 177 p.
- EBBELER, J. Letters. In: BARCHIESI, A.; SCHEIDEL, W. (Ed.) *The Oxford Handbook of Roman Studies*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2010. p. 464-476.
- FREITAS, G. A. de. *Sobre o Estilo de Demétrio: Um olhar crítico sobre a Literatura Grega (Tradução e estudo introdutório do tratado)*. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- KENNEDY, G. A. *A New History of Classical Rhetoric*. New Jersey: Princeton University Press, 1994. 336 p.
- PLAUTE. *Bacchides – Captiui – Casina*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Société D'Édition "les Belles Lettres", 1996. 424 p.
- PLINE LE JEUNE. *Lettres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Tomes I-III. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1953. 240 p.
- _____. *Lettres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Tomes IV-VI. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955. 290 p.
- _____. *Lettres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Tomes VII-IX. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1992. 330 p.
- POSTER, C. A conversation halved: epistolary theory in Greco-Roman antiquity. In: POSTER, C.; MITCHELL, L. C. (orgs.). *Letter-Writing Manuals and Instruction from Antiquity to the Present*. Columbia: University of South Carolina Press, 2007. p. 21-51.
- PRATA, P. *O Caráter Intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. 2007. 421 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SCARPAT, G. L'epistolografia. In: DELLA CORTE, F. (Ed.). *Introduzione allo studio della cultura classica*. Milano: Marzorati, 1987. p. 473-512.
- SÉNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. Tradução de Segurado e Campos. G. A. Lisboa: Caluste Gulbenkian, 2004. 713 p.
- SENECAE, L. A. *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Tomus I. Ed. by L. D. Reynolds. Oxford: Oxford University Press, 1965. 344 p.
- _____. *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Tomus II. Ed. by L. D. Reynolds. Oxford: Oxford University Press, 1965. 238 p.
- TIN, E. (Org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. 165 p.

Recebido em: 05/10/2015

Aprovado em: 12/12/2015